

Beatriz Weigert*

Maria Velho da Costa: celebrações

Tota pulchra es, Maria! Et macula non est in te!

Esta invocação encerra a carta que escrevo a Maria Velho da Costa no dia 22 de Maio de 2020 e, às 11h., confio ao balcão postal: “Chega em três ou quatro dias”, promete a funcionária. Gratificada sinto-me por ter satisfeito a vontade de conversar com a minha escritora. Ela, afinal, ficaria sabendo as novidades a que seu telefone recusava dar voz. Ainda no domingo da *Missa in Albis*, eu insistira e depois. Precisava contar a Maria Velho do mais recente curso que eu lecionara a alunos de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e que o iniciara com o texto “Elas” de Cravo, a causar emotividade, mesmo a instaurar atmosfera... poética! Essa que nós, professores de Literatura, tanto almejamos e valorizamos. Queria informar à Maria dos versos de Armando Silva Carvalho, copiados por Mário Quintana, à página setecentos e noventa e seis de sua *Poesia Completa*. Uma surpresa! E mais: reforçar o gozo estético pela sua criação lúdico-verbal e repetir-lhe o encantamento vivido a cada leitura de “A Velada”¹ de *O Lugar Comum* e de “Elvira” de *Casas Pardas*. Tanto assim que, na última página do romance, exulto, a lápis, o louvor com o qual me despeço: “*Tota pulchra es, Maria! Et macula non est in te!*”

A carta estava a caminho e Maria Velho da Costa partia para outra dimensão. Era o dia 23 de maio de 2020.

Mas o Português é a minha voz e o meu corpo,
o que dele não morre com a minha morte.²

Herança outorgada! Tesouro aquinhoado! Celebração da Língua Portuguesa e da humanidade! De *O Lugar Comum* a *Myra* alinham-se destinos formulados em elevado nível expressivo.

A começar por “Exílio Menor”, mentes meninas sucedem-se. É Lurdes³ “subindo com esforço dois degraus de seguida”; Maina Mendes⁴ “em cima da cadeira pesada de arrastar”; Lucinha⁵ levando “os dedos à mancha rosada que é a cara de sua mãe”; Elisa⁶ “pequena diante de uma carteira das que levantam a tampa”; Elvira⁷ “pequena e descalça por um carreiro na bouça”; Mary⁸ “com a grande boneca ao colo”; Raquel⁹ escondendo “a cabeça para o que não entendia” e Myra¹⁰ fugindo “outra vez para muito longe”. As Mamães surgem com a jovem de “O Furto”¹¹ contando “apenas ao seu filho a mágoa de não haver estado com ele desde o início”; Maria Eduarda¹² em gestação a “Glóbulos e orbes de luz branca perfazem re-

voluções fulgurantes”, assim como Elvira¹³ “ao princípio era a esfera. opaca e quente mole”.

Para três jovens constroem-se habitações. São as *Casas Pardas* destinadas a Elisa, Elvira e Mary, havendo espaço de reunião como teatro. Organizam-se as moradas em capítulos com designações: Casas de Elisa: I – Vaga; II – Os Trabalhos de Casa: Pote Podre; A Terça casa; IV – Angelus; V – Língua. Casas de Elvira: I – Epifania; II – Lacrimosa; A Terça casa; IV – Stella; V – Atrium. Casas de Mary: I – Acquosa; II – Gávea; A Terça casa; IV – Cápsula; V – Declinação.

O narrador onisciente abre essas residências com detalhes sugestivos. A casa “Vaga” de Elisa atende com vivacidade: “Que lindo dia, que lindo dia, margaridinhas de olho de oiro palmeirando mínimas os canteiros na berma da rua”. Já a casa “Epifania” de Elvira indigita sua proprietária: “Tu vais por uma vinha afora, que é vinha grada por todos os lados”; enquanto a casa “Acquosa” é direta na nomeação: “Mary caminha a custo um solo ressequidíssimo à sua volta, até perder de vista.” Índices significativos antecipam contextos. Aguardam informes do narrador e das personagens.

Elisa tem a casa “Vaga”, e vai preencher de “Trabalhos” até “Angelus” anunciar o nascimento de “Língua”. O Anjo sabe que “o Pentecostes nasce é para todos. É a língua da alma”. Reforça-se a escritora. Concretiza-se um destino. Para Elisa “é do contar histórias que não prescinde e embora saiba que só saberá de todas essas indagações escrevendo-as”.

“Acquosa” Mary chora e esvai-se a chorar, indo à “Gávea”, ingerindo a “Cápsula” para seu “grande sono” e sua “Declinação”.

“Epifania” ilumina o caminho de Elvira. E, à ameaça de “Lacrimosa” toldar o sentido, sobrepõe-se “Stella”, repondo o brilho e conduzindo Elvira para o “Atrium”, portal aberto para o futuro.

O narrador onisciente distingue suas personagens pelos pronomes a mantê-las próximas ou distantes. Ele vê e sabe tudo, perscrutando consciências e sentimentos. No entanto, aceita a interlocução, que assegura movimento e dinamismo às ações. Sob essa ótica, a linguagem, em diferentes registos, concorre para o colorido dos relatos. E a erudição, anexando intertextos, combina semas e amplia significados. As pautas sociais determinam-se por cenários, indumentárias e adereços, ao modo como ostentação e singeleza alternam-se.

Seguindo passos, Mary confusa interroga-se “onde estou eu, onde estou eu, para quê, porquê, para quem”. Mas, em terreno onírico, Elisa “vai por um grande descampado tão seco que a terra está branca”; e Elvira vê “um escobrejar de gavinhas, todas elas, a deitar corpo”. Perturbada uma, esforçada outra, a terceira, maravilhada, sorve a vegetação. O sonho de Elvira exhibe a uberdade: o solo prenhe de frutos.

Então, revolvendo a sonolência, a mulher ouve o seu homem que “ainda ronca de leve-zinho” e o menino que “geme, um bulir com a voz ainda miúdo”. Compõe-se o quadro da maternidade e do amor: o menino amamentado ao seio, e o marido a pôr “de manso a mão no quadril e de manso a deixa ficar enquanto se desestremunha.”

A “Epifania” refulge! Manifesta-se o sagrado na dignificação da família.

Elvira concentra e irradia a essência do ser mulher: gesta, nutre, cuida, acolhe, dedica-

-se, ajuda, consola, ama. “Lacrimosa” transpõe sacrifícios na necessidade de habitar quarto alugado a senhoria exigente: “afazeres novos [...] um gesto e muitos ditos que não havia nas casas da mãe”. Com o pai doente, Elvira sente que lhe coube “a recomposição de três gerações”. Conforto é a fé do companheiro impelindo-a para ir “agora em aprendendo a ler”, e ao filho dotará “uma enxada de prata para fender a noz do mundo”. Prenúncio de evolução! E vem “Stella”, a amiga com a notícia de nova morada. O “Atrium” inaugura-se com o “baptizo da casa” pelas águas da fertilidade. Elvira, “Pareces a cara da aurora lavada na nascente.”

São momentos de devoção e agradecimento. A cada obra uma celebração!

Maria Velho da Costa oferece o melhor da Arte, desdobrando vidas, pulsando afetos, compondo o sublime.

NOTAS

* Universidade de Évora – Clepul – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

¹ Beatriz Weigert, “Um rito de passagem em Maria Velho da Costa”, *Da Galiza a Timor: A Lusofonia em Foco*, Universidade de Santiago de Compostela, 2008, p. 1667.

² Alocução de Maria Velho da Costa à cerimónia de entrega do Prémio Camões 2002.

³ *O Lugar Comum*, Lisboa, Moraes, 1966, p. 7.

⁴ *Maina Mendes*, 3. ed., Prefácio de Eduardo Lourenço, Lisboa, Dom Quixote, 1993, p. 23.

⁵ *Lucialima*, 3. ed., Lisboa, O Jornal, 1986, p.19.

⁶ *Casas Pardas*, 3. ed. rev., Lisboa, Dom Quixote, 1986, p. 142.

⁷ *Casas Pardas*, p. 101.

⁸ *Casas Pardas*, p. 417.

⁹ *Irene ou o contrato social*, Lisboa, Dom Quixote, 2002, p. 61.

¹⁰ *Myra*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2008, p. 11.

¹¹ *O Lugar Comum*, p. 77.

¹² *Lucialima*, p. 223.

¹³ *Casas Pardas*, p. 93.